

REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INDIVIDUADA

Amanda Ribeiro da Luz (FURG) - amandardaluz@gmail.com

Francielle Molon da Silva (UFPEL) - franmolon@yahoo.com.br

Resumo:

O artigo pretendeu descrever a preparação prévia à inserção profissional de universitários como um processo de individuação. A pesquisa se caracterizou como exploratória e qualitativa, investigando relatos, obtidos através de questionários, de alunos matriculados no último semestre dos cursos de gestão e negócios da Faculdade de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Observou-se que esses relatos possuíam grande similaridade, significando a apropriação de um discurso homogêneo do mercado de trabalho – função da subjetividade capitalística. A desestabilização advinda da diferença do que se é e do que se deveria ser – sendo este último o perfil ideal de indivíduo do trabalho – faz da preparação prévia aos processos seletivos uma busca, assimilação e utilização e repasse de informações e orientações que indicam modos de ser – ou kits de perfis-padrão. Tem-se, portanto, um processo de produção de subjetividades individuadas.

Palavras-chave: *Inserção Profissional, Preparação Prévia, Subjetividade, Individuação e Singularização.*

Área temática: *GT-22 Trabalho em Mutação: Carreira, Ocupações e Inserção Profissional na Contemporaneidade*

INTRODUÇÃO

A atual organização do trabalho se configurara a partir do conceito de flexibilização, que emergira em meados da década de 70, tomando sua glória na década de 90 (HARVEY 2005; ALVES, 2007; ANTUNES, 2002). Isso quer dizer que o enrijecimento característico da organização do trabalho sob o regime fordista-taylorista se pulveriza, dando lugar ao regime *toyotista* que aparece com uma nova forma de organização do trabalho; uma nova forma de discurso do trabalho, principalmente, ao que compete a inserção profissional; e uma nova forma de viver a subjetividade; em um cenário de acumulação flexível.

Diante das transformações oriundas dessa transição entre as diferentes épocas expostas, o indivíduo se vê diante de determinações no que pauta sua condição de existência, principalmente no que se refere à inserção no mundo do trabalho e as condutas para que isso aconteça. Nesse quadro, emerge a construção de uma carreira pelo próprio indivíduo, em um contexto flexível que transfere essa responsabilidade para tal (BARBOSA, 2011) devido ao fenômeno de desfiliação (CASTEL, 2013) junto à discursos de empregabilidade, empreendedorismo, competências e outros (ALVES, 2007).

A inserção no mundo do trabalho e, portanto a constituição de uma trajetória de carreira está atrelada a dois fatos importantes: o modo pelo qual o indivíduo irá conduzir seu desempenho diante das exigências do mundo do trabalho; e o modo da própria vida constituída por ele próprio (OLTRAMARI, 2011). Esses dois principais pontos funcionam como alavanca para iniciação de uma trajetória de carreira, como também, como alavanca à produção de subjetividade, incentivada por um processo de individuação em detrimento de um processo de singularização.

Para tanto, o **objetivo** do presente artigo se pauta na descrição da forma de preparação prévia à inserção profissional, de universitários, como um processo de individuação. Visto que universitários se apresentam em uma condição de transição entre academia e mercado de trabalho; de que a preparação prévia aparece como um processo de produção de subjetividade; e que às demandas e discurso organizacionais induzem um processo de individuação.

O presente estudo analisou como acontece a preparação prévia dos alunos, matriculados no último semestre nos cursos voltados a gestão e negócios da Faculdade de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. E se organiza da seguinte forma: capítulo 1 e 2, que trata do referencial teórico utilizado, metodologia, análise dos dados e considerações finais.

1. AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO E O REFLEXO NO COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS

O período de expansão pós-guerra se estendeu entre os anos de 1945 e 1973. Durante esse tempo “um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico” (HARVEY, 2005, p.119) foram estabelecidos, contribuindo para emergência da concepção “fordista-keynesiana”, que atesta um marco de ruptura importante: o período pós-guerra. A partir de 1973, aparecem os primeiros ímpetus de passagem para um novo período: “acumulação flexível” (HARVEY, 2005). Este mercado pela fluidez e incertezas, representa outro marco de ruptura (HARVEY, 2005). Ambos são necessários para o entendimento de como a organização do trabalho se configurara, afetando, portanto, dimensões da vida do indivíduo.

Conhecido como “anos dourados do capitalismo” o fordismo-keynesiano se caracterizou por um período de comprometimento mútuo entre o fordismo e o Estado na reestruturação do capitalismo e, mais especificadamente, do mercado: “o crescimento fenomenal da expansão pós-guerra dependeu de uma série de compromissos e reposicionamentos por parte dos principais atores dos processos de desenvolvimento

capitalista” (HARVEY, 2005, p.125): o Estado (com a política de pleno emprego), o capital corporativo e o trabalho organizado. Este último baseado na produção em massa; no controle dos tempos e movimentos (cronômetro taylorista); no trabalho parcelar e fragmentação das funções; na separação entre elaboração e execução; na centralização e verticalização das unidades fabris; na constituição do operário-massa; dentre outros; apareceu como a primeira forma pela qual a indústria e os processos de trabalho se consolidaram ao longo do século (ANTUNES, 2002).

Porém a crise capitalista que se instaurara pedia novas estratégias para sua inversão. Frente a isso, o regime fordista-keynesiano se mostrou incapaz a essa nova demanda, sendo vistos como ultrapassados diante de um novo tempo: flexível. Isso quer dizer que se a configuração do sistema fordista, a união do capital corporativo, o Estado e organização do trabalho tinham tido tempos de glória, neste momento, caíam à medida que foi reconhecido o caráter rígido e indomável de tal regime que, escamoteavam, ao invés de garantir, a acumulação do capital. Assim se encerra o até então sólido regime fordista, que se manteve até 1973, baseado simplificada em uma produção em massa, com padrões estáveis de lucros, monopólios e, também, de vida da população trabalhadora. Conquanto depois da recessão alojada a partir de 1973, emerge o início de uma de transição ancorada no mais interior da acumulação de capital (ANTUNES, 2002; HARVEY, 2005).

Inicia-se um período de reestruturação política, social e econômica que, influenciado por um contexto característico por oscilações, instabilidades e incertezas acabam por afetar a organização industrial, vida social e política.

Com a crise estrutural do capital, em meados da década de 1970, ocorre no centro dinâmico do sistema mundial do capital [...] um processo de reestruturação capitalista que atinge as mais diversas instâncias do ser social. É no bojo deste processo sócio-histórico que surge o novo complexo de reestruturação produtiva que atinge o mundo do trabalho organizado (ALVES, 2007, 156).

A flexibilização de contratos, contando com acordos atípicos de trabalho – com tempo indeterminado, vínculos informais, etc.; institucionalização de uma hierarquia horizontalizada – com incentivo para equipes de trabalho e elevando o grau de autonomia; a jornada de trabalho com horários flexíveis independentemente da presença física – modificando as concepções de espaço e tempo; a variedade de tarefas direcionadas á multiplicidade, multifuncionalidade e polivalência – “readequando a concepção de qualificação, a favor de um trabalho de base flexível e polivalente” (ALVES, ARAÚJO, LIMA, 2012, p.11); substituem a tradicional condição de assalariamento; hierarquia rígida e piramidal; as jornadas bem definidas de trabalho – onde se podia enxergar seu início e fim; divisão do trabalho e especialização da atividade (HARVEY, 2005, ALVES, 2007, ANTUNES, 2002). Assim se consolida o processo de reestruturação.

A vista disso a crise do binômio taylorismo-fordismo tornou hegemônica uma nova organização científica do trabalho o *toyotismo* (MORAES, 2008). Esse modelo, advindo do Japão, apareceu como saída à crise capitalista e o novo regime de acumulação que se instaurara (MORAES, 2008). Com isso, suas características quanto à forma de organizar o trabalho logo se transformaram em exigências para as organizações, que passaram a se adaptar a estas como forma de obter competitividade a acumulação flexível (HARVEY, 2005). Para tanto, o *toyotismo* fora instilado nas organizações, enaltecendo-se através de características fora dos padrões do regime precedente, flexibilizando o aparato produtivo, a organização do trabalho e, também os indivíduos (ANTUNES, 2002).

A flexibilização dos indivíduos se refere tanto ao ato de trabalhar como ao de viver. Sennett (2009) afirma que o capitalismo flexível corrói o caráter dos indivíduos e os impede de construir uma trajetória de vida coerente, devido: a transição de uma visão de longo para

curto prazo, assim como, a superficialidade dos vínculos e precariedade nos modos de conduta; a busca por uma trajetória fragmentada ao invés de uma trajetória estável; individualismo e competição entre pares a transferência da responsabilidade por um emprego, da empresa para o indivíduo aliada ao discurso de autoempresendedorismo, de competências e de resiliência frente ao risco; desfiliação de laços de pertencimento ao Estado e a organização; são alguns exemplos – dentre outros – objetivados, no que pauta a mudança do modo de vida (ALVES, 2007; SENNETT, 2009; HORST, et. al., 2011; OLTRAMARI, 2011; BARBOSA, 2011; CASTEL, 2013). Todos os fatos elencados, além de corroer o caráter, causam ansiedade (SENNETT, 2009). Visto essas inúmeras instabilidades pelas quais as trajetórias de vida dos indivíduos passam, as organizações se aproveitam de tal fato, aparecendo como uma representação significativa a se aliar por inteiro, sem questionamentos quando a sua legitimidade (HORST, et. al., 2011), apta a se constituir como espaço de criação de uma carreira.

Sobre essa trajetória, essa nova lógica trouxe uma modificação bastante interessante no que compete a trajetória profissional: a concepção de emprego fora esgotada no período fordista e é substituída pela concepção de carreira. Isso significa que a carreira está sob a responsabilidade do indivíduo assim como o emprego está sob a responsabilidade de organização. Há um deslocamento da responsabilização da condição de existência material. O indivíduo, neste instante passa a ser o único e total responsável pela sua empregabilidade, o que Barbosa (2011) chama de indivíduo empreendedor de si.

As transformações no mundo do trabalho impactaram diretamente os modos de construção da carreira tanto para o indivíduo quanto para empresa. A carreira que era inicialmente linear e dependia de uma estrutura organizacional atualmente atrela ao sujeito as decisões chamando os indivíduos a serem sujeitos ou gestores de si, tendo de assumir o funcionamento do “eu, sociedade anônima” (OLTRAMARI, 2011, p.66).

O caráter de uma carreira progressiva e linear durante uma vida, sob proteção de uma organização empregadora se perde dando entrada para uma carreira condizente ao tempo que se configura: flexível. A mobilidade ascendente (SENNETT, 2009) dá nome a uma trajetória que a todo instante se desloca em prol de maiores e melhores condições de *status*; de forma que, experienciar vários trabalhos/cargos/atividades em curto prazo ganha mais força ao invés da estabilidade de um emprego duradouro em uma única organização.

A carreira, nesse sentido, se refere “às formas de autocontrole pelo comprometimento e dedicação à empresa e desenvolvimento das competências necessárias ao crescimento profissional exitoso” e “às formas de controle a respeito das políticas da vida que se constituiu”, fatos os quais resultam em processos de subjetivação, à vista de que o indivíduo investe sua vida à organização rendendo seu corpo, sua vida, sua saúde (OLTRAMARI, 2011, p.75).

Para tanto, essa nova forma pela qual a organização do trabalho passara a ser estruturada modificou a esfera produtiva, mas não só esta. O indivíduo, àquele que se submete ao trabalho como forma de condição existencial, visto que este [o trabalho] é posto por Marx (2008) como elemento central na vida humana, também sofre modificações. Isso significa que as exigências desse novo modelo não operam tão somente na esfera do trabalho, mas também, operam no indivíduo e na sua trajetória, em sentido lato, de vida e, em sentido específico, profissional; na medida em que, este, para se inserir no mercado de trabalho e construir uma carreira, deve corresponder às demandas ou preencher os requisitos necessários à atividade ou vaga oferecida, mesmo que isso possa vir a afetar a formação de sua subjetividade.

Pode-se dizer, portanto, que as “carreiras estão associadas às discussões sobre subjetividade e processos de subjetivação, que revelam estilos de vida contemporâneos,

principalmente aqueles relacionados à velocidade, à instantaneidade, à mobilidade, à intolerância, à frustração [...]” (OLTRAMARI, 2011, p.77), visto que “a inserção no mercado de trabalho é um momento particular no qual o ingressante aprende suas regras” (OLIVEIRA, 2011, p.102).

2. SUBJETIVIDADE, PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO

A nova configuração da organização do trabalho fora além das dimensões organizacionais, e abarcou as dimensões de vivência daqueles que trabalham. Nesse sentido, o indivíduo, submerso nessa lógica, não se apercebe que todo o contexto se forma com o intuito “de subsumir ainda mais o trabalho ao capital” (MORAES, 2008, p.285). O indivíduo, portanto, tem sua subjetividade precível ao meio.

A discussão da subjetividade, para Grisci (1999a, 1999b), está atrelada a outros dois fenômenos, transformados pela reestruturação produtiva: o tempo e o trabalho.

Trabalho e tempo, como se vê, entrelaçam-se no que se pode chamar de cenário contemporâneo. As mudanças da reestruturação produtiva, mormente aquelas provenientes do uso de novas tecnologias, vão incidir sobre o tempo e, ao instituírem novos regimes temporais, vão afetar a subjetividade. Como se vem acenando, trata-se, portanto, de novos modos de trabalhar, de novos regimes temporais, e de *novos* modos de subjetivar (GRISCI, 1999b, p.04, grifo original da autora).

A experimentação do tempo, no contexto vigente oposta ao regime predecessor, acontece de uma nova forma: flexível e acelerado, a simultaneidade e instantaneidade demarcam o tempo que fora controlado pelas linhas de montagem. O tempo linear e crescente fora arrebatado por um tempo desregular e imediato: “tempos a indicarem coexistências, a enaltecerem o aqui e agora. Tempos atravessados por velocidades extraordinárias que desvalorizam passado, presente e futuro” (GRISCI, 1999b, p.03). O tempo passa a ser associado à velocidade e a aceleração devido às fugazes demandas de trabalho; mas não é o tempo que acelera ou se torna veloz, é o indivíduo (KEHL, 2009). Portanto, é no trabalho que se se processam modos de experimentar o tempo, aparecendo, nesse sentido, uma vertente importante de subjetivação (GRISCI, 1999a, p 94).

O que passa despercebido, como salienta Kehl (2012), é que o tempo é o tecido da vida, portanto, a vida é feita de tempo; e o resto é o que se faz com ele. Porém, a percepção do tempo passara a ser outro: o tempo está acelerado e a aceleração impede com que se construa uma trajetória coerente, pois não se tem mais a experiência e, sim, se tem a vivência; isso quer dizer que o tempo se tornara banal, na medida em que a velocidade/aceleração que preside a vida faz com que as ações sejam instantâneas e impensadas, frente aos acontecimentos e, por isso, esquecidas rapidamente.

Tais formas de experimentar o tempo pelo afetam o seu modo de viver e, com isso, absolutizam e banalizam sua trajetória que, diante da exigência de velocidade, não se pensa e não se compreende; se age (GRISCI, 1999b): “a sensação do tempo não é, no entanto, necessariamente, acompanhada de uma reflexão acerca dele, uma vez que a própria forma de experimentá-lo pode não possibilitar ao sujeito um tempo de reflexão” (GRISCI, 1999b, p.04), fato o qual somatiza a questão da subjetividade, neste caso, em prol dos ditames do capital.

A inter-relação das novas concepções de trabalho e tempo, mediadas pelas transformações da reestruturação produtiva, afetam as subjetividades, Grisci (2002) alerta, que nesse contexto: “cabe às subjetividades reconfigurarem-se. Tais reconfigurações

mostram-se atravessadas pela questão do trabalho e do tempo, paradigmáticos nos modos de viver e de subjetivar contemporâneos” (GRISCI, 2002, p.05).

Deste modo, o indivíduo diante da sua situação frente ao mercado de trabalho junto aos ditames deste – que possui o privilégio de decisão da inserção e exclusão – “torna-se capacitado para assimilar e aceitar de forma ativa as mudanças que a eles se impõem como se fossem naturais” (SOUZA, 2008, p.334). Por isso, a formação de subjetividade em prol de uma ordem proclamada pela acumulação flexível aparece como um meio de inserção profissional.

A subjetividade, para Guattari e Rolnik (1996), é social, Nesse sentido os autores colocam em voga a produção de subjetividade sob a égide de uma máquina capitalista, de uma ordem capitalística e de um capitalismo mundial integrado, ocasionando “indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.16).

O que há é simplesmente uma *produção* de subjetividade. Não somente uma produção de subjetividade individuada – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção de subjetividade social, uma produção de subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção de subjetividade inconsciente. [...] Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.16, grifo original dos autores).

Guattari e Rolnik (1996) também possuem uma proposta de subjetividade “de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.25). Isso significa que, “a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.32).

Nesse sentido, o indivíduo, ao mesmo tempo em que está consigo se encontra diante de inúmeras determinações no presente, já tendo as encontrado em outras circunstâncias no passado e, ainda, há de se deparar no futuro. Essas determinações são, muitas vezes, consumidas de forma que afeta a produção de sua subjetividade. Nesse sentido, o indivíduo, para Guattari e Rolnik (1996), existe como um terminal – utilizando-se de linguagem informática: “*esse terminal individual se encontra na posição de consumir subjetividade*. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc. – sistemas que não tem nada a ver com categorias naturais universais” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.32, grifo original dos autores). Diante disso, os indivíduos passam a ser resultado de uma produção em massa, “serializado, registrado e modelado” no registro social (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.31).

No contexto do atual capitalismo, se considera a produção de subjetividade “como sendo [...] um caso de superestrutura, dependente das estruturas pesadas de produção das relações sociais” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.26) junto ao fato de que a produção da subjetividade faz parte, ou melhor, aparece como matéria-prima da evolução das forças produtivas – movimento que marca a obstrução da crise que havia se instaurado, como já fora considerado por Alves (2007) e Antunes (2002). Nesse sentido, a produção da subjetividade pelo capitalismo aparece como uma modelização dos comportamentos, das sensibilidades, das percepções, da memória, das relações sociais, e etc. (GUATTARRI, ROLNIK, 1996, p.28), resultando o que Guattari e Rolnik (1996) chamam de subjetividade capitalística. A partir disso, se pode perceber o quão atrelado à subjetividade está ao âmbito de trabalho de forma que são as demandas, advindas deste contexto, que produz subjetividades capitalísticas naqueles que trabalham ou desejam se inserir neste mundo.

Dois importantes conceitos engendram a discussão no que pauta a subjetividade capitalística, o “capitalismo mundial integrado” e a “ordem capitalística” (GUATTARI, ROLNIK, 1996). O primeiro dá nome ao atual contexto que engloba todos os aspectos

evidenciados até o presente instante – desde os modos de produção até os modos de vida, ou também, de uma vida produzida, como bem será visto; a última aparece como a ordem do mundo ou a ordem que acentua o CMI, que se projeta tanto na realidade do mundo, como também, na realidade psíquica (GUATTARI, ROLNIK, 1996). Ambas operam as máquinas capitalistas produtoras de subjetividade que preparam os indivíduos, através de equipamentos coletivos desde a infância para o consumo da subjetividade capitalística e, portanto, para uma reprodução de uma vida pautada em valores capitalistas (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Isso contribui para compreensão de como a disseminação de, primeiramente, um discurso de perfil ideal do indivíduo do trabalho e, logo, o aparecimento deles em sua forma concreta: um amoldamento de subjetividades e indivíduos similares. Isso acontece, segundo Guattari e Rolnik (1996, p.27) devido ao fato de que: “tudo que é produzido pela subjetivação capitalística [...] não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transformação de significações por meio de enunciados significantes”, também não “se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos e etc.”, e sim “trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo”.

Visto isso, os indivíduos “são reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos, valor que responde ao mercado capitalista e seus equivalentes gerais. São espécies de robôs, solitários e angustiados” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.40) – tendo em mente o conceito de terminal individual – e o que lhes resta, portanto: é “apenas viver um possível pré-estruturado no campo em que se encontram” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.43). Nesse caso a subjetividade perece em prol da ordem capitalística, “democraticamente, ela ‘amassa’ os processos de vida social, em sua riqueza diferenciadora e, com isso, produz, a cada fornada, indivíduos iguais e processos empobrecidos” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.39), já que a que “a tendência é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.40) que impedem que os indivíduos se deem por conta dos processos singularização e se submetam aos processos de individuação.

A subjetividade em sua forma social é vivida pelos indivíduos particularmente, sob uma relação de “alienação e opressão” ou “expressão e criação”. Esse tipo de relação retrata a forma pela qual os indivíduos consomem a subjetividade – resgatando a ideia de terminal individual. Nesse sentido, uma relação de “alienação e opressão”, em que acontece a submissão dos indivíduos à subjetividade de ordem capitalística, o resulta em um processo de individuação; em contrapartida uma relação de “expressão e criação” o qual o indivíduo resiste à subjetividade de ordem capitalística, resulta em um processo de singularização (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

“O processo de singularização de subjetividade se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.37), sendo abortivo aos valores capitalísticos, com o objetivo de afirmação aos valores próprios e particulares de si, mesmo que os valores capitalísticos permaneçam incessantemente em volta. Tal processo é automodelador, ou seja, ele entende os elementos da situação e constrói, a partir disso, suas próprias referências, independentemente da ordem a qual se impõem. Isso confere ao indivíduo possibilidade de preservar exatamente o que se é (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Em contrapartida, o processo de individuação da subjetividade é “correlativa de sistemas de identificação que são modelizantes” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.38) que, por consequência, pretende bloquear o processo de singularização, para sua instauração efetiva. Dessa forma “os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.38), em vista disso, “passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.38). Grisci (1999a) alerta que o processo

de individuação e o que dele procede “não só ignoram, como também interrompem os modos de experimentar o viver, o morrer, o nutrir e o trabalhar cultivados pelos sujeitos” (GRISCI, 1999a, p. 101), ocorrendo uma produção de indivíduos a fornada (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Como resultado a sobreposição do processo de individuação – estimulado pelo CMI junto à ordem capitalística – ao processo de singularização,

esvazia-se o caráter processual (pra não dizer vital) de suas existências, pouco a pouco, eles vão se insensibilizando. A experiência deixa de funcionar como referencia para criação de modos de organização do cotidiano: interrompem-se os processos de singularização. *É, portanto, num só movimento que nascem os indivíduos e morrem os potenciais de singularização.* Tudo isso constitui uma imensa fabrica de subjetividade, que funciona como indústria de base de nossas sociedades. É exatamente nessa indústria que a mídia, tal como existe hoje em dia, com sua cultura de massa, teria um papel destaque (GUATTARI, ROLNIK, 1999, p.38, grifo original do autor).

Vale ressaltar que o processo de singularização e o processo de individuação, de sentidos opostos, porém isso não quer dizer que não coadunem. Guattari e Rolnik (1996) alertam para esse fato: o da possibilidade de um entrecruzamento de ambos, já que “pode haver um deslizamento entre um e outro, visto que ora o indivíduo pode impor resistências, ora se vê assujeitado pelos dispositivos da produção de subjetividade” (OLTRAMARI, 2011, p.79).

Parece utópico a tentativa de um processo de singularidade, vista a proclamação de valores legitimados pela ordem capitalística: “a apropriação da produção de subjetividade pelo CMI esvaziou todo o conhecimento da singularidade” e, por isso as tentativas de singularização parecem tão difíceis e problemáticas, já que “todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.50) – porém os autores manifestam que possibilidades concretas de resistências e, portanto, de singularização.

Após essa breve discussão, torna-se explícito o intuito de uma massificação de subjetividade – e não, de um processo de singularização – em prol do capital, que abrangem não só modo de trabalhar, mas também, ao modo de viver, derivada de uma nova ordem social vigente, que desencadeou o aparecimento abundante de novas manifestações subjetivas (KEGLER, 2006, p.02) em configurações frágeis, visto a enormidade de demandas subjogadas ao mundo do trabalho e aos tempos que correm; desencadeando, portanto, a produção de “indivíduos deslocáveis ao sabor do mercado” (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

A oposição entre o singular e o similar ascende uma complexa relação:

É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado. A combinação desses dois fatores faz com que os vazios de sentido sejam insuportáveis. É que eles são vividos como esvaziamento da própria subjetividade e não de uma de suas figuras - ou seja, como efeito de uma falta, relativamente à imagem completa de uma suposta identidade, e não como efeito de uma proliferação de forças que excedem os atuais contornos da subjetividade e a impelem a tornar-se outra. Tais experiências tendem então a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte (ROLNIK, 1997, p.02).

Importante salientar que o vazio que a autora apresenta, corresponde a uma falta. Isso significa, para Kehl (2012) que existe uma representação do que se deseja – pois o vazio/falta fornece ao indivíduo capacidade de representação para aquilo que lhe é faltante –, porém se

está longe de ser alcançado. Esse processo entre ter um desejo, imaginar ou ter uma representação dele e, portanto, a forma de consegui-lo é trabalhado pelo psiquismo, que precisa de tempo, um tempo como percurso que possibilite entendimento, transformação e experiência para que se alcance, portanto, o que lhe é desejado, suportando o vazio/falta – inaugurando a relação entre passado (uma marca, um aprendizado) e futuro (a representação). Porém, o tempo – como fora visto – acelerado, que pede por imediaticidade frente às transformações do trabalho – principalmente –, impossibilita que o psiquismo acompanhe, memorize e aprenda (KEHL, 2012); afetando, por fim, a formação de uma subjetividade autêntica – ou singular. Nesse sentido, mais fácil consumir o que está pronto e aderir à pele uma subjetividade que não é própria, mas legitimada e que funciona como alavanca à inserção profissional. Diante de tudo isso, o indivíduo é impedido de construir uma narrativa de vida coerente, ou momentos esclarecedores sobre os acontecimentos, já que permanecem em um “estado de interdeminável vir a ser – um eu jamais acabado”. (SENNET, 2009, p.159).

O indivíduo, portanto, compelido a responder às transformações “perde o norte de suas produções subjetivas singulares, mas a indústria lhe devolve uma subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada” (KEHL, 2003, s.p). A subjetividade industrializada aparece como consumidora avida do vazio, o preenchendo com o que lhe é propício nesse sentido o indivíduo seduzido pela “paixão de pertencer à massa, identificar-se com ela nos termos propostos pelo espetáculo” (KEHL, 2003, s.p) se deixa envolver.

Descende, a partir disso, uma suposta coerência na recusa de sua própria subjetividade – e, portanto singularidade – em prol da subjetividade ditada pelo mundo do trabalho, propiciando um processo de individuação; já que esta aparece como adequada ao fim que se pretende: encontrar uma saída ao que se encontra vazio, ou neste caso, se inserir socialmente e organizacionalmente. Vale ressaltar que esses “vazios” podem ser também substituídos por outras “saídas”: drogas lícitas e ilícitas, culto à indústria light/diet, literatura de autoajuda, e outros colocados por Rolnik (1997) – não sendo o foto do presente estudo.

A possibilidade de uma inserção social, no sentido lato, e organizacional em sentido específico, está alicerçada à adoção de uma subjetividade específica, ou como Rolnik (1997) prefere: kits, “kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades” (ROLNIK, 1997, p.01), que o próprio mercado determina, anuncia e espera, dessa forma, que sua “produção a fornada” (GUATTARI, ROLNIK, 1996) bata a sua porta.

No sentido desse estudo, os kits de perfis-padrão, que influenciam a formação da subjetividade daqueles que rumam à inserção profissional, serão elucidados a partir das exigências que partem do mundo do trabalho.

3. METODOLOGIA DO ESTUDO

O presente artigo corresponde a um estudo qualitativo e exploratório que possibilitam o entendimento da realidade social, entre mundo real e sujeito e, portanto, entre teoria base e os resultados empíricos obtidos, através da familiarização com o problema tornando-o explícito (GIL, 2002) para fins do estudo pretendido: descrever a forma de preparação prévia à inserção profissional, de universitários, como um processo de individuação.

Foram utilizados questionários como fonte direta para obtenção dos dados, a fim de entender como acontece a preparação prévia dos jovens universitários. Para tanto, aplicou-se questionários, estruturados com perguntas abertas referentes à temática pretendida, ao universo de pesquisa: alunos do último semestre dos cursos Bacharelado em Administração, Superior em Tecnologia em Gestão Pública e Superior em Tecnologia em Processos Gerenciais do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Totalizaram-se 80 (oitenta) questionários válidos divididos entre os cursos, sendo 14

(quatorze) alunos do curso de Bacharelado em Administração, 31 (trinta e um) alunos do curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública e 35 alunos do curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais.

A escolha desse universo se deu por dois motivos principais: tomou como pressuposto de que os alunos dos cursos apresentados, matriculados no último semestre e presentes nos dias das aplicações, se apresentam em situação final à graduação e, portanto, possuem uma preocupação com sua breve entrada, mais qualificada, no mercado formal de trabalho após o recebimento do título; e o fato de que as turmas correspondem a cursos de orientação gestor e negócios, ou seja, cursos fortemente expostos ao discurso neoliberal e, conseqüentemente, empresarial que emboscam a ideia de responsabilização da condição de emprego ou carreira, a partir de conceitos imersos a essa lógica: empreendedorismo, competência, livre iniciativa, sucesso, entre outros. Para tanto, por conveniência, os universitários foram representados pelo público alvo já explicitado.

Vale ressaltar que não houve identificação dos sujeitos respondentes nos questionários, dessa forma adotou-se a seguinte nomenclatura para situar os relatos correspondentes a cada um dos respondentes: Q1, para o questionário respondido número 1; Q2 para o questionário respondido número 2; Q3 para o questionário respondido número 3, e assim por diante.

Por fim, para análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (1977). Os dados obtidos foram considerados quanto ao seu conteúdo, como forma de, posteriormente, relacioná-los diretamente com a teoria que, respectivamente, o alude, permitindo, dessa forma o alcance do objetivo do estudo em questão.

4. ANÁLISE DA PREPARAÇÃO PRÉVIA À INSERÇÃO PROFISSIONAL

Os dados analisados permitiram o entendimento de como acontece à preparação prévia à inserção profissional dos universitários questionados. Suas respostas se voltaram às questões similares, ou seja, houve uma aparente homogeneização de um discurso no que pauta o entendimento das exigências do mundo do trabalho e as ações de preparo. Ainda, se fez presente à intenção de mudança de si em prol da desejada vaga de emprego. Os dados serão analisados a partir dos relatos obtidos como resposta ao questionário, para melhor percepção e análise.

Entre o preparo prévio e a inserção no mercado de trabalho existe uma espécie de funil: o processo seletivo, porta de entrada ao emprego. Este, por ser a forma de garantia de emprego e, mais que isso, de construção de uma carreira, aparece como um momento de decisão, mais da organização do que do indivíduo – mesmo que a responsabilidade de emprego recaia sobre o indivíduo (BARBOSA 2011) –, o que causa preocupação, nervosismo e ansiedade frente à imprevisibilidade dos tempos, tratados como normalidade – aspectos evidenciados como mal do vigente regime de acumulação (SENNET, 2009, GRISCI, 1999, ROLNIK, 1997, KEHL, 2009) – pelos respondentes ao apresentarem tais sentimentos.

É sempre um momento tenso onde em muito pouco tempo você será avaliado se tem ou não o perfil para ocupação da vaga. (Q29)

É normal não se sentir pronto, devido à imprevisibilidade das perguntas que são feitas. (Q16)

A questão do perfil requerido, pelos discursos presentes no mercado de trabalho, é evidenciada, assim como a adaptação à este, e ainda a recorrente sensação de que sempre se tem algo a buscar, o que traz à vista a aceleração e experiência *versus* vivência (KEHL, 2009, 2012).

Precisamos estar sempre a frente dos demais adaptando-se sempre ao ambiente e à competitividade. (Q34)

Acho que nunca vou me sentir preparada, quanto mais se estuda ou se tem conhecimento, menos confiança eu tenho, pois mais se sabe o quanto ainda pode ser aprendido. (Q46)

Dessa forma o indivíduo tem sob sua própria responsabilidade a condição de emprego, porém a decisão final foge às suas mãos, já que lhe independe (BARBOSA, 2011). Por isso, deve estar atendo as demandas, como evidenciada pelos respondentes, imprevisíveis, imediatas, respondendo-as na forma de adaptação, o que demonstra um consentimento, talvez inconsciente, do processo de individuação (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Ainda nesse sentido, a preparação prévia desponta como uma necessidade, um pré-requisito a esse meio, posto que os respondentes afirmaram se sentir preparados ao momento de seleção, relacionaram esse fato ao estudo que fizeram sobre a organização a qual prestavam processo seletivo, além da atenção aos requisitos quanto a cargo, função e, ainda, perfil demandado. Os respondentes apontaram que esse tipo de auxílio traz sensação de segurança e aparecem como vantagem diante o entrevistador, pois adequam-se condutas e falas conforme o que foi buscado como informação/orientação prévia, que garantem sucesso.

A preparação em si, dos universitários respondentes, acontece por meio do que Guatarri e Rolnik (1996) chamam de equipamentos coletivos “que praticamente teleguia, codifica as condutas, as comportamentos, as atitudes, as sistemas de valor, etc” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.128) - por exemplo: a escola, a universidade, a mídia e outros, sendo neste caso: cursos, palestras, internet/sites/redes sociais, professores, familiares, revistas, jornais, livros e funcionários/amigos conhecidos que trabalham na empresa desejada.

As principais informações/orientações buscadas como preparo se referem: à empresa divulgadora da vaga, ao perfil requerido, às respostas prontas e corretas para perguntas frequentes, à aparência física, às formas de comportamento e conduta, e metodologia utilizada nas entrevistas. E os motivos relatados sobre tal busca correspondem: ao sentimento de segurança e confiança; no momento da seleção; demonstrar preparo e interesse; se aproximar ao máximo do perfil pretendido; saber se comportar adequadamente; obter melhor colocação entre os candidatos, maior chance de contratação e, portanto, a intenção de contratação efetiva.

Percebe-se, portanto, como há de se confirmar nos próximos trechos, ainda, a preocupação entre o que se é e o que se deve ser para inserção profissional, fato o qual compreende o que Rolnik (1997) chama de desestabilização. A referência identitária, neste instante, aparece como conflitosa ao perfil desejado, fato que promove vazios no sujeito. Como forma de preencher tais vazios, se consomem os “kits de perfis-padrão” de Rolnik (1997) por meio de informações/orientações advindas do mundo do trabalho.

Houve, por parte dos respondentes, não só a busca por informações/orientações, mas também o uso destas, e afirmam que estas tiveram pertinente influência diante da seleção – em entrevistas e dinâmicas de grupo – na postura, no comportamento, na aparência, na similaridade com o perfil exigido, no conhecimento sobre a empresa em questão e em respostas prontas. Alguns trechos exemplificam:

Demonstrando que estava interessada na vaga mostrei as informações que tinha, de modo que fosse um diferencial. (Q37)

Tentei me lembrar da forma recomendada de como passar as informações sobre o meu perfil. (Q49)

Me mostrando apto para desempenhar o cargo e exaltando aptidões. (Q9)

Respondendo o que o entrevistado gostaria de ouvir. Demonstrando algum conhecimento sobre a empresa. (Q2)

Para mostrar o interesse sobre a vaga e pontos positivos. (Q9)

Como um filtro para o que eu deveria falar a salientar no momento certo (Q49).

Buscando um perfil mais próximo da vaga. (Q5)

Respondendo as perguntas frequentes de forma mais objetiva e clara. (Q7)

Dizendo que possuo um hobby sendo que não possuo, nunca possui, ou que pratico esporte quando sou sedentária. Só porque sei que isto é importante (Q38)

Percebe-se, assim, a preocupação com a adequação às exigências que o contexto impõem. Os relatos dos indivíduos versam sobre uma forma pontuada, programada e atuada frente à possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Ou seja, na busca por “kits perfis-padrão” (ROLNIK, 1997) o indivíduo se perde do seu próprio eu – ou de suas singularidades (GUATTARI, ROLNIK, 1997; KEHL, 2003) – se submetendo ao processo de subjetivação individuada, formando por tanto uma “subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada” (KEHL, 2003, s.p).

Ainda, os respondentes mencionaram que se não se preparassem da forma explicitada poderiam conviver com a insegurança durante o processo, não corresponderiam às exigências, teriam desempenho inferior ao que se gostaria/deveria e não teriam sucesso quando à efetivação, como se pode observar nos trechos:

Seria péssimo, pois o entrevistador já poderia descartar na hora. (Q?)

Sentiria fora do padrão estipulado, entretanto, nem todas empresas utilizam o mesmo padrão, desta forma, isto poderia ser benéfico. (Q36)

Sem as informações eu agiria de maneira mais emocional, podendo responder de maneira ríspida ou inconveniente. Acredito que seria vista como não preparada para o mercado por não saber o básico sobre como agir em entrevistas e seleção. (Q37)

Poderia ser mais sincera, mas teria convicção que seria descartada. (Q?)

Acredito que poderia não ter deixado o entrevistador tão satisfeito. (Q49)

Péssimo, pois o empregador terá uma imagem distorcida de mim. (Q51)

A preocupação com a condição de emprego – que depende somente de si (BARBOSA, 2011) –, e com o padrão exigido se torna evidente diante da possibilidade de “descarte”, como fora colocado, ou fracasso na linguagem de Sennett (2009) também são aspectos observados nas colocações dos respondentes. Ainda questões intrínsecas a existência humana como o emocional e o impulso de determinadas formas de expressão são vistas como absurdas, ou extraordinárias que perturbam a harmonia, para Guattari e Rolnik (1997) que chamam isso de infantilização – uma função da subjetividade capitalística. Rompe-se, portanto, com a espontaneidade, aspecto relevante ao processo de individuação (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Dessa forma o preparo prévio que, neste caso, significa a busca, o uso e a assimilação das informações/orientações aparece como forma de auxílio nos processos de seleção.

Sim, algumas empresas publicam determinadas informações que para eles tem importância, se relacionam com os valores que querem pregar, como por exemplo o Itaú que prega pela maneira 'simples' de trabalhar, isto reflete na forma mais informal que seus funcionários se vestem. Então, tendo conhecimento disto e eu for de terno para entrevista, já demonstro minha falta de interesse em buscar a informação que estava ali para qualquer um. (Q39)

Com certeza, pois te ajuda a demonstrar segurança e ajuda a salientar as possíveis características que a empresa esteja buscando no momento da seleção. (Q49)

Ocasionalmente, no ponto de vista dos respondentes, um resultado positivo:

As grandes empresas trabalham com formulários de perguntas e estas com pontuações ao lado, as seleções se baseiam em números, com o índice de conformidade de perfil. Se você não atinge a porcentagem mínima está fora. Agora se tu tem a informação de como pontuar é óbvio que o resultado será positivo. (Q38)

O entrevistado que conhece um pouco da empresa, pode direcionar seu discurso para tentar impressionar o entrevistador e ter alguma vantagem. (Q40)

Acredito que qualquer informação se utilizada no momento certo e da maneira certa pode trazer resultados positivos e até mesmo cruciais para obtenção da vaga. Este pode se tornar um diferencial dos demais candidatos. (Q42)

Após buscar orientações consegui o sucesso na entrevista ocasionando na contratação. (responsabiliza o preparo) (Q43)

Fui selecionado. (Q57)

Consegui a vaga. (Q58)

Acredito que estou empregado devido as estas orientações. (Q49)

Nesses trechos não só aparece o preparo prévio, mediante as formas expostas, como algo vantajoso, mais do que isso, como uma garantia de sucesso à efetividade da seleção – resultado positivo. Como pode ser visto, alguns respondentes responsabilizam sua efetivação no processo seletivo como responsabilidade de tal preparo e, nas entrelinhas, do discurso – como mencionado. O discurso, que por detrás, está incutido desde a infância, através do reforço por equipamentos coletivos, formando uma subjetividade capitalística, ou propiciando o processo de individuação para.

Após ser visto que os respondentes buscam por certas informações/orientações como preparo prévio, as assimilam, as aplicam/as utilizam nos processos seletivos; eles mencionam também que as repassam como forma de ajudar aqueles que se encontrarão em mesma situação. Tem-se a disseminação em todos os níveis dos ditames do mercado, fato que facilita o processo de individuação.

Existe, portanto, um amoldamento, ora inconsciente, ora consciente. Talvez a consciência não se detenha a todos os planos envolvidos, mas quando se propõem “mudança”, “transformação”, “adaptação” como forma de inserção no mundo do trabalho, os respondentes consentem:

Acredito que pequenas mudanças nas atitudes sejam necessárias para a adaptação ao local de trabalho. Uma empresa ou cargo pode exigir que para que haja o efetivo exercício da função o profissional apresente comportamentos distintos, assim como, é possível que este tenha que se comportar de acordo com a cultura e normas da empresa. (Q37)

Quando se precisa de um emprego, acredito que devemos passar por cima de algumas coisas. Abrir mão de outras e se adaptar-se ao ambiente o qual está inserido. (Q39)

Pois dependendo da oportunidade e para se manter competitivo enquanto profissional no mercado de trabalho é necessário se adaptar as demandas. (Q10)

Qualquer atitude é válida para uma vaga. (Q78)

Porque às vezes é necessário se adaptar, pois há regras. (Q76)

Vejo que quando chego a um novo local devo respeitar e me adaptar a esta nova realidade, penso que o empregado adaptar-se a empresa e não ao contrário. (Q13)

Tais respostas se alinham com o que Oliveira (2011) menciona sobre que o ingressante ao mercado de trabalho, aprende suas regras.

Intenções futuras, construção de uma carreira, mobilidade ascendente e sonhos profissionais também foram marcantes a disposição à mudança.

Temporariamente se for necessário. Acho que isso depende muito da situação a qual estamos passando, pode ser necessário algum sacrifício em prol de algo melhor, a qual acreditemos. Ou, nem que seja, pela necessidade momentânea de estabilidade financeira, já que, nem sempre, no mercado de administração, irá se trabalhar da maneira que sempre desejamos. Tudo depende do objetivo que temos, do quanto é importante, necessário, e vantajoso as mudanças de atitudes. (Q48)

Pois às vezes temos que se moldar para ter o que sonhamos, nem que esse molde tenha um tempo determinado. (Q59)

Se a vaga é desejada e interessante para o que queremos para nossa vida podemos considerar a adaptação. (Q41)

Para crescer profissionalmente é necessário mudanças. (Q67)

Nesses trechos percebe a inserção profissional mais que um emprego na concepção que antecederia, e sim como algo mais amplo, como o que se pretende da vida, como realização de sonhos, que se alinha com a concepção de carreira. Tem-se, portanto, a carreira em detrimento do emprego (OLTRAMARI, 2011).

Ainda a mudança foi associada: a uma forma de melhoria; ao aprendizado; a sua essencialidade no tempo vigente; a necessidade financeira, que fora citada como incentivadora; e quem se opõe a ela, terá como punição a exclusão. Além disso, vale ressaltar que se obtiveram respostas de que a mudança é uma exigência da vida, assim como, houve comparações de que a transformação do homem e do mercado é constante e estão alinhadas. Nesse sentido se percebe o alinhamento dos respondentes para com o mundo do trabalho, e como isso é percebido como uma demanda a ser respondida, sem possíveis indagações, o que permite mais facilmente o processo de individuação (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Alguns poucos respondentes demonstraram “sinais” do que Guattari e Rolnik (1996) chamam de processo de singularização, ou seja, existe a preocupação com a fidelidade à referência identitária.

Conhecendo o perfil que a empresa busca eu tentaria me adaptar a ele, a não ser se que seja algo totalmente contra meus valores pessoais. (Q38)

Não atingindo a minha dignidade e nem de demais pessoas, mudaria/adaptaria para melhor conquistar o emprego desejado. (Q45)

Pois busco um local que mire o mesmo norte que eu. (Q79)

Pois minhas atitudes vem do que eu sou, ou eu não renderia 100%. Ou teria muito esforço em mudá-las me descaracterizando. (Q15)

Ainda que fora inexpressiva a quantidade de indivíduos que apresentaram suposta singularização em comparação aos demais respondentes, se fez necessário tornar tal fato em evidência, como forma de demonstrar o conflito entre a individuação e singularização, ou ambas em mesma face, trazendo à tona a desestabilização que Rolnik (1997) sinaliza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados possibilitaram o entendimento de como acontece o preparo prévio à inserção no mercado de trabalho do público alvo, permitindo fazer a reflexão deste para com o processo de produção de subjetividades individuadas.

Através relatos obtidos como resposta aos questionamentos realizados aos alunos dos cursos de gestão e negócios da Faculdade de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas, se pode perceber a influência das transformações do mundo do trabalho – submersa em um regime de acumulação flexível – nos indivíduos, mediada por uma preparação prévia aos processos de seleção, que se dá a partir da busca, assimilação, uso e repassa de informações/orientações disseminadas pelos mais diversos meios – equipamentos coletivos – de como se deve ser no meio organizacional. Vale ressaltar que as respostas obtidas foram similares e de mesma percepção do mundo, fato o qual evidencia a apropriação de um discurso homogêneo – função da subjetividade capitalística. . Fato esse que pode estar relacionado ao grupo investigado pertencer a um coletivo que de certa maneira molda seu comportamento aquilo que o mercado espera, uma vez que o ensino dos cursos de gestão tem, em geral, esse aspecto presente nos seus currículos e em suas discussões

O tempo efêmero clama por efemeridade, e o indivíduo imerso nesse contexto toma como obrigatoriedade respondê-lo da forma como lhe é exigido, para sua inserção profissional, seja como garantia de emprego, seja como primeiro passo à construção de uma carreira – associada a desejos e sonhos. Nesse sentido, aparece uma lacuna do que se é e o que se deve ser; entre em cena a mudança e a adaptação às exigências impostas – sob a forma de perfis específicos –, como forma de preenchimento ao vazio propiciado por tal lacuna.

Todos esses passos, na caminhada dos indivíduos pesquisados, citados acima descrevem um processo de subjetividade individuada. O indivíduo junto a sua subjetividade em sua forma autêntica entra no processo como matéria-prima, junto com tantos nessa produção em massa, e ao final se apresenta como mais um igual a tantos: amoldados à representações ideais do mercado e diferente de suas próprias representações identitárias, fazendo com que, como diria Kehl (2012), aquilo de mais familiar em que se possa se reconhecer sejam as nuvens no céu.

Esse estudo contribuiu para reflexão dos processos de individuação em que todos são submetidos e, como, nós mesmos somos reforços, pelas nossas escolhas para tal. Por isso, essa discussão não deve ter como fim esse único estudo. Além disso, é válido ressaltar que a amostra se restringiu a um público seletivo, por conveniência, de forma que limita a abrangência dos resultados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Editora Praxis, 2007.
- ALVES, João Paulo da Conceição; ARAÚJO, Ronaldo Marcos Lima; LIMA, Francisco Willams Campos. A noção de competências e sua materialidade no contexto educacional brasileiro: entre um discurso atrofiado e sua plena efetividade. **ENCONTRO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO COMPARADA**, 5, 2012, Belém. Anais... Pará: SBEC, 2012, p.11.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- BARBOSA, Attila Magno e Silva. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v.19, n.38, p.121-140, fev. 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Tradução: Iraci D. Poleti. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUATTARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trabalho, tempo e subjetividade e a constituição do sujeito contemporâneo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, p.87-106, 1999a. Edição especial.
- GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da psicologia nas organizações. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.19, n.1, p.2-13, 1999b.
- GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Tempos modernos, tempos mutantes: produção de subjetividade na reestruturação do trabalho bancário. **Socius Working Papers**, Lisboa, n.3, p.5, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HORST, Ana Carolina. et al. Os vínculos frágeis no capitalismo flexível e o sequestro da subjetividade. In: FERRAZ, Deise Luiza da Silva; OLTRAMARI, Andrea Poleti; PONCHIROLLI, Osmar. (Org). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.52-65.
- KEGLER, Paula. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica: novas configurações subjetivas na contemporaneidade**. 2006. Monografia (Graduação em Psicologia). Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2006.
- KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Artigos e ensaios Maria Rita Kehl**, 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivacao.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- KEHL, Maria Rita. Depressão e capitalismo: entrevista com Maria Rita Kehl. **Estadão**, São Paulo, 22 abr. 2009. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/lui-zanin/depressao-e-capitalismo-entrevista-com-m/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- KEHL, Maria Rita. Café filosófico: aceleração e depressão. **Youtube**, 2012. Entrevista concedida ao Café Filosófico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6sCMi4s-kzo>>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- MARX, Karl. 2008. *O capital*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MORAES, Livia de Cássia Godoi. Trabalho, educação e consciência: uma análise do processo de internalização dos parâmetros reprodutivos do capital na atualidade. In: TUMOLO, Paulo Sérgio; BATISTA, Roberto Leme. (Org). **Trabalho, economia e educação: perspectivas do capitalismo global**. Maringá: Praxis, 2008. p.269-288.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de. Ponto de partida: a juventude e o ingresso no mercado de trabalho. In: FERRAZ, Deise Luiza da Silva; OLTRAMARI, Andrea Poleto; PONCHIROLLI, Osmar. (Org). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.66-79.

OLTRAMARI, Andrea Poleto. A carreira e sua auto-gestão. In: FERRAZ, Deise Luiza da Silva; OLTRAMARI, Andrea Poleto; PONCHIROLLI, Osmar. (Org). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.102.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: Daniel Lins (Org.). **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução: Marcos Santarrita. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, José dos Santos. A qualificação do trabalhador no contexto da construção de nova regularidade para a produção social da vida material no capitalismo contemporâneo. . In: TUMOLO, Paulo Sérgio; BATISTA, Roberto Leme. (Org). **Trabalho, economia e educação: perspectivas do capitalismo global**. Maringá: Praxis, 2008. p.334.